

## **A capoeira angola de mestre Pastinha na ladeira do Pelourinho**

Velhos mestres  
Correio Braziliense, Brasília

A Ladeira do Pelourinho cujas imensas e admiráveis casas evocam tôda a beleza da arte e cujo nome lembra toda a crueldade dos homens, a ladeira da qual o pelourinho dos negros sumiu mas que é hoje, todinha, um imenso pelourinho da miséria, a ladeira – símbolo da misteriosa cidade de Salvador e da civilização afro-brasileira, era, mesmo, o lugar indicado para a sede da Academia de Capoeira Angola e quartel geral do Mestre Pastinha.

### **O MESTRE**

Vicente Ferreira Pastinha é êste velho capoeirista bahiano – tem 78 anos – que iniciou a prática da capoeira Angola – „a única pura“, como diz – aos dez anos, com Mestre Benedito que veio da Africa. Ainda hoje, Mestre Pastinha dirige a Academia e toca, com seus discípulos, o berimbau, pandeiro, réco-réco, agôgo e chocalho, e com êles canta as melodias cujo ritmo „bole com a alma dos capoeiristas“, dando-lhes „graça, ternura, encanto e misticismo“.

### **ANGOLA EM SOM MENOR**

E enquanto os capoeiristas cantavam „Canarinho da Alemanha / Quem matou meu curió; / Canarinho da Alemanha / Canta Angola em som menor / Canarinho da Alemanha / Eu canto a capoeira / Na Bahia e em Maceió“, o mestre, respeitosamente ajudado por seus alunos, - a catarata o tornou quase cego – aproximou-se e, logo, nos transmitiu a sua alegria.

- „Sempre somos alegres, capoeira dá alegria“, diz logo Mestre Pastinha, "pois não se trata só de preparar o indivíduo para o ataque ou a defesa contra uma agressão, mas também de desenvolver por meio de exercícios físicos e mentais um verdadeiro equilíbrio psíquico: o capoeirista é um homem que sabe se dominar antes de dominar o adversário e por isso a capoeira exige lealdade, obediência absoluta às regras do jôgo e algum misticismo".

### **AO PÉ DO BERIMBAU**

# A capoeira angola de mestre Pastinha na ladeira do Pelourinho

Reportagem de YVONNE JEAN

A Ladeira do Pelourinho, com suas inúmeras e admiráveis casas, evocam toda a beleza da arte e cujo nome lembra toda a crueldade dos homens, e ladeira de qual o pelourinho dos negres sumiu mas que é hoje, todavia, um ícone da ladeira-afâmulo da misteriosa cidade de Salvador e da civilização afro-brasileira, era, mesmo, o lugar indicado para a sede da Academia de Capoeira Angola e quartel geral do Mestre Pastinha.

## O MESTRE

Vicente Ferreira Pastinha é este velho capoeirista bahiano - tem 78 anos - que iniciou a prática da capoeira Angola - "a única pura", como diz - aos dez anos, com Mestre Benedito que veio da África. Ainda hoje, Mestre Pastinha dirige a Academia e toca, com seus discípulos, o berimbau, pandeiro, réco-reco, agô e chocalho, e com eles canta as melodias cujo ritmo "bata com a alma das capoeiristas", dando-lhes "graça, ternura, encanto e mistério".

## ANGOLA EM SOM MENOR

E enquanto os capoeiristas cantavam "Canarinho da Alemanha / Quem matou meu curiú; / Canarinho da Alemanha / Canta Angola em som menor / Canarinho da Alemanha / Eu canto e capoeira / Na Bahia e em Macaé", o mestre, respeitosamente ajudado por seus alunos, - a catarata o tornou quase cego - aproximou-se e, logo, nos transmitiu a sua alegria.

- "Sempre somos alegres, capoeira dá alegria, diz logo Mestre Pastinha, pois não se trata só de preparar o indivíduo para o ataque ou a defesa contra uma agressão, mas também de desenvolver por meio de exercícios físicos e mentais um verdadeiro equilíbrio psíquico: o capoeirista é um homem que sabe se dominar antes de dominar e adversário o por isso a capoeira ensina humildade, obediência absoluta às regras do jogo e algum misticismo.

## AO PÉ DO BERIMBAU

Os dois primeiros capoeiristas prepararam-se para o jogo. "A frente do conjunto, musical (todas as capoeiristas também são músicos, recitando-se), acorçados ao pé do Berimbau, ouvem respectivamente os cantores. Benem-se, giram o corpo no sentido do adversário e iniciam o "jogo de baixo",

Mestre Pastinha comenta: - "Está sentindo esta alegria? O ôdo está aninhado, Sumiu. Vou mostrar como o homem se prepara para a luta de amanhã, para defesa de sua própria integridade, cuidadosamente, para não ofender o próximo, e sempre desenvolvendo mais a resistência e agilidade.

Já estamos impressionados por esta absoluta coordenação de movimentos do corpo, a "ginga" e a maneira como o capoeirista distrai a atenção do adversário ao preparar a aplicação do seu golpe. Além do mais, tudo é realizado com a graça de uma dança.

Perguntamos se também vemos, após a admirável luta-dança, a luta mesmo, para melhor compreendermos como funciona a defesa pessoal e o ataque de capoeira.

## PARA VALER, NÃO!

Mestre Pastinha quase se zanga:

- "Sempre pedem espetáculo "para valer". Não compreendem. Se fossem rivais, . . . isto não é box, que, com sangue frio, dá golpes dolorosos. A capoeira é folclore, e beleza, é alegria. Claro que prepara o homem para a luta e a defesa, mas, apesar de toda sua malícia - ainda mais importante que a agressividade - é raríssimo um acidente no jogo.

E fala nas malícias que enganam o adversário: o capoeirista finge que se retira, volta-se rapidamente, põe de um lado o pé sobre o outro, recua, finge que não vê o outro, gira e se contorce, não tem pressa alguma, pois

só desfero o golpe quando há pouca probabilidade de falhar.

Ficamos empolgados pela agilidade de luta que se trava com as mãos, a cabeça e, principalmente, os pés. Uma luta por ataques contra os quais não haveria defesa possível caso acontecessem em briga. Seguros e, de impressionante beleza e ritmo.

## MULHERES CAPOEIRISTAS

Mestre Pastinha conta que houve excelentes mulheres capoeiristas. Descreve com humor "as mulheres de ontem, com toda esta massa de fazenda, que levantavam suas saias e as colocavam na cintura, e lutavam enquanto que hoje, que usam calças, não querem... E sabe porque? Porque querem calça americana, que acham mais bonita e eu não quero. Quero calça larga, prática, nada apertada nem bonita. A do marido, ou do pai, ou do filho. Mas elas não querem, não têm força de vontade. E após este desabafo, pinta uma cena: o ladrão que entrou, de noite, na casa, o marido dormindo, a mulher assustada. "Se fosse capoeirista não gritava "socorro", não botava a mão na cabeça, brigava mesmo e salvava a vida porque como meio de defesa pessoal não existe nada melhor!"

Rimos com a cena que pintou e concordamos plenamente: não existe defesa melhor, e mais imprevista.

## MEIA LUA, RABO DE ARARAIA, CHAFAS,

Os capoeiristas prosseguem sua luta, raspando com o pé o rosto um do outro, ameaçando mas sempre parando a um milímetro do alvo, na sua dança elegante e puramente desportiva. Lá vem o golpe "meia lua", com seu movimento giratório de pernas enquanto se desfero o golpe; agora plantam bananeira para atacar com os pés, de cima para baixo, deslizando-se com incrível velocidade; e vem a maliciosa "cabeçada" sobre o torax do

adversário, e o "rabo de araraia", em forma de chicotada da perna na cabeça; e a "chapa de frente" pela qual o capoeirista, de braços cruzados, derruba o outro ao suspendê-lo com a perna; e a "chapa de costas" com a rasteira assustadora; e o "jogo de dentro", no chão, com pés e mãos sem que o corpo toque no chão.

## O MACULELE

Paramos a respiração. Mestre Pastinha nos apresenta o Gardlio, e o Sérgio, e o Manoel, e o jovem Lázaro, e outros, e promete algo especial, o "maculelé". Enquanto se preparam, leio o poema no bionho:

Mandinga de escravo em ânsia de liberdade. Seu princípio não tem método

Seu fim é inconcebível

## AO MAIS SÁBIO CAPOEIRISTA,

inicia-se o "maculelé" com o qual nos honram: uma espécie de esgrimo com paus. Uma luta frenética, ritmíssima, executada com tanta percia que os pesados paus parecem flocetes aristocráticos e cujo ritmo dócil canta uma melodia que embriaga.

## O TOQUE DE CAVALARIA

Os capoeiristas descansam fazendo uns saltos mortais e plantando bananeiras. O chão do primeiro andar do nº 19 da ladeira do Pelourinho treme. Já foi consentado, não aguentará por muitos anos todo este movimento, caso não se tomem medidas para proteger a bela casa tombada e a Academia mais brasileira que conhecemos.

Já ficamos completamente empolgados pelo toque de Angola, o "Amazonas", o "Yuna", o toque de Santa Maria, o toque de cavalaria (este avisa, outrora, aos capoeiristas que a cavalaria de polícia se aproximava, a coisa a capoeira era rapinada porque escravo não devia possuir tais meios de defesa, isto bastava para que a luta se transformasse em dança).

"Bahia, minha Bahia, / Bahia do Salvador, / Quem não conhece Capoeira / Não lhe pode dar valor. / Todos podem aprender. / General e até Doutor, / Mas pra isso é necessário, / Procurar um Professor".

E professor é Mestre Pastinha, que recusa a capoeira regional, - apesar de citar e admirar Mestre Biriba, e o Leopardo Negro, e Mestre Miranda, e Carlos Serra, - as misturas com lutas japonesas, box, etc., conservando a pureza da capoeira Angola - esporte e arte, agilidade e beleza, originalidade e imprevistos - que faremos questão, em 1968, de trazer para a capital da integração nacional, que não pode ignorar por mais tempo as sutilezas de uma das mais típicas e empolgantes manifestações do nosso folclore de nossa arte.



Os discípulos do "Mestre Pastinha".

Os dois primeiros capoeiristas preparam-se para o jôgo. A frente do conjunto, musical (todos os capoeiristas também são músicos, revezando-se), acorados ao pé do Berimbau, ouvem respeitosamente os cantores. Benzem-se, giram o corpo no sentido do adversário e iniciam o „jôgo de baixo“.

Mestre Pastinha comenta: - „Está sentindo esta alegria? O ódio está aninhado. Sumiu. Vou mostrar como o homem se prepara para a luta de amanhã, para defesa de sua própria integridade, cuidadosamente, para não ofender o próximo, e sempre desenvolvendo mais a resistência e agilidade.

Já estamos impressionados por esta absoluta coordenação de movimentos do corpo, a „ginga“ e a maneira como o capoeirista distrai a atenção do adversário ao preparar a aplicação do seu golpe. Além do mais, tudo é realizado com a graça de uma dança.

Perguntamos se também veremos, após a admirável luta-dança, luta mesmo, para melhor compreender-mos como funciona a defesa pessoal e o ataque do capoeira.

### **PARA VALER, NÃO!**

Mestre Pastinha quase se zanga:

- "Sempre pedem espetáculo „para valer“. Não compreendem. Se fôssemos rivais... Isto não é box, que, com sangue frio, dá golpes dolorosos. A capoeira é folclore, é beleza, é alegria. Claro que prepara o homem para a luta e a defesa, mas, apesar de tôda sua malícia – ainda mais importante que a agressividade – é raríssimo um acidente no jôgo".

E fala nas malícias que enganam o adversário: o capoeirista finge que se retira, volta-se rapidamente, pula de uma lado para outro, avança, recua, finge que não vê o outro, gira e se contorce, não tem pressa alguma, pois só desfere o golpe quando há pouca probabilidade de falhar.

Ficamos empolgados pela agilidade da luta que se trava com as mãos, a cabeça e, principalmente, os pés. Uma luta por ataques contra os quais não haveria defesa possível caso acontecessem em briga. Seguros e, de impressionante beleza e ritmo.

### **MULHERES CAPOEIRISTAS**

Mestre Pastinha conta que houve excelentes mulheres capoeiristas. Descreve com humor „as mulheres de ontem, com toda esta massa de fazenda, que levantavam suas saias e as colocavam na cintura, e lutavam, enquanto que hoje, que usam calças, não querem... E sabe porque? Porque querem calça americana, que acham mais bonita e eu não quero. Quero calça larga, prática, nada apertada nem bonita. A do marido, ou do pai, ou do filho. Mas elas não querem, não têm força de vontade". E após este desabafo, pinta uma cena: "a ladrão que entrou, de noite, na casa, o marido dormindo, a mulher assustada. Se fôsse capoeirista não gritava "socorro", não botava a mão na cabeça, brigava mesmo e salvava a vida porque como meio de defesa pessoal não existe nada melhor."

Rímos com a cena que pintou e concordamos plenamente: não existe defesa melhor, e mais imprevista.

### **MEIA LUA, RABO DE ARRAIA, CHAPAS.**

Os capoeiristas prosseguem sua luta, raspando com o pé o rosto um do outro, ameaçando mas sempre parando a um milímetro do alvo, na sua dança elegante e puramente desportiva. Lá vem o golpe "meia lua", com seu movimento giratório da perna enquanto se desfere o golpe; agora plantam bananeira para atacar com os pés, de cima para baixo; deslocando-se com incrível velocidade; e vem a maliciosa "cabeçada" sobre o torax do adversário, e o "rabo de arraia", em forma de chicotada da perna na cabeça; e a "chapa de frente" pela qual o capoeirista, de braços cruzados, derruba o outro ao suspendê-lo com a perna; e a "chapa de costas" com a rasteira assustadora; e o "jôgo de dentro", no chão, com pés e mãos sem que o corpo toque no chão.

### **O MACULELE**

Paremos a respiração. Mestre Pastinha nos apresenta o Getúlio, e o Sérgio, e o Manoel, e o jovem Lázaro, e outros, e promete algo especial, o "maculelé". Enquanto se preparam, leio o poema no biombo:

"Mandinga de escravo em ânsia de liberdade.

Seu princípio não tem método

Seu fim é inconcebível

Ao mais sábio capoeirista".

Inicia-se o "maculelê" com o qual nos honram: uma espécie de esgrimo com paus. Uma luta frenética, ritmadíssima, executada com tanta perícia que os pesados paus parecem floretes aristocráticos e cujo ritmo doido canta uma melodia que embriaga.

### **O TOQUE DE CAVALARIA**

Os capoeiristas descansam fazendo uns saltos mortais e plantando bananeiras. O chão do primeiro andar do no 19 da ladeira do Pelourinho treme, já foi consertado, não aguentará por muitos anos todo êste movimento, caso não se tomem medidas para proteger a bela casa tombada e a Academia mais brasileira que conhecemos.

Já ficamos completamente empolgados pelo toque de Angola, o "Amazonas", o "Yuna", o toque de Santa Maria, o toque de cavalaria (êste avisava, outrora, aos capoeiristas que a cavalaria da polícia se aproximava, o como a capoeira era reprimida porque escravo não devia possuir tais meios de defesa, isto bastava para que a luta se transformasse em dança).

"Bahia, minha Bahia, / Bahia do Salvador, / Quem não conhece Capoeira / Não lhe pode dar valor. / Todos podem aprender. / General e até Doutor, / Mas p'ra isso é necessário, / Procurar um Professor".

E professor é Mestre Patinha, que recusa a capoeira regional, - apesar de citar e admirar Mestre Bimba, e o Leopardo Negro, e Mestre Miranda, e Carlos Senna, - as misturas com lutas japonesas, box, etc., conservando a pureza da capoeira Angola - esporte e arte,

agilidade e beleza, originalidade e imprevistos – que faremos questão, em 1968, de trazer para a capital da integração nacional, que não pode ignorar por mais tempo as sutilezas de uma das mais típicas e empolgantes manifestações do nosso folclore e da nossa arte.